



Entre a cognição híbrida e a ética da docência: Diálogos com Lucia Santaella e o futuro do professor na Era algorítmica

*Between hybrid cognition and the ethics of teaching:
Dialogues with Lucia Santaella and the future of the teacher
in the algorithmic age*

Everson Luiz Oliveira Motta¹

Raquel Pasternak Glitz Kowalski²

1 Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Pedagogia, Educação e Humanidades, Curitiba-Paraná, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7603-5926>, everson.motta@pucpr.br.

2 Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Design, Educação e Humanidades, Curitiba-Paraná, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7394-6505>, raquel.pasternak@pucpr.br.



Personagem

Revista de estudos em educação, linguagem e teatralidades

A pesquisadora doutora Lucia Santaella é uma das mais renomadas intelectuais brasileiras no campo da Comunicação, da Semiótica e dos Estudos das Mídias. Professora titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), onde atua no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Santaella construiu uma trajetória acadêmica marcada pela interlocução entre filosofia, artes, tecnologia e cultura digital. Doutora em Teoria Literária pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, com pós-doutorados em instituições internacionais, a pesquisadora desenvolve investigações pioneiras sobre semiótica Peirceana, linguagens híbridas, cultura das mídias, cibercultura e os impactos da inteligência artificial na sociedade contemporânea.

Autora de vasta produção bibliográfica, com dezenas de livros publicados no Brasil e no exterior, Lucia Santaella consolidou-se como referência analisando as transformações cognitivas e culturais provocadas pelas tecnologias digitais. Nesta entrevista, a



pesquisadora, com rigor conceitual e contundência ética, explana e responde a uma das questões centrais de nosso tempo: estaria o professor ameaçado diante da inteligência artificial?

Santaella situa o debate para além de rótulos como “pós-modernidade”, recordando que as transformações contemporâneas são parte de um processo histórico de mutações culturais que se intensificaram com a explosão das redes sociais, da dataficação e, mais recentemente, da IA generativa. Para ela, a educação sempre esteve ancorada nos regimes técnicos de sua época. Não há educação sem linguagem – e hoje essa linguagem inclui também o código algorítmico.

Ao final, a esperança pedagógica, em tempos de inteligência artificial, não reside na rejeição da tecnologia nem na adesão acrítica a ela. O professor decisivo para o futuro será aquele que domina ferramentas, compreende sistemas e, sobretudo, sustenta a capacidade de perguntar, interpretar e imaginar outros modos de existência. A generosidade na entrega ao processo de aprendizagem do outro – sempre bilateral – constitui, para Santaella, o núcleo ético da docência contemporânea.

Entrevista com a Dr^a Lúcia Santaella

EM: Professora, a pós-modernidade – marcada pela aceleração tecnológica, pela lógica das plataformas e pela inteligência artificial – redesenha profundamente as formas de produzir conhecimento. Nesse cenário, como você compreende a transformação da figura do professor? Há, de fato, o risco de uma espécie de “obsolescência programada” da docência ou estamos diante de uma mutação de papéis, saberes e responsabilidades?

LS: Chamar a nossa era de pós-modernidade guarda complexidades. Foi um movimento que explodiu nos anos 1960, na arquitetura e artes, seguido, mais tarde, por discussões filosóficas, iniciadas por Lyotard, Habermas, Jameson, muitos outros e especialmente Danto na filosofia da arte. Tudo isso significou um reconhecimento de que a modernidade, cujo apogeu se deu no iluminismo, havia chegado a um término. Nos anos 1990, os filósofos não satisfeitos com o prefixo “pós” que estava desgastado, deram outros nomes, no fundo para a mesma coisa, mas agora expandida: modernidade líquida (Bauman), hipermodernidade (Lipovetsky), modernidade reflexiva (Giddens, Beck) e por aí vai.

Dediquei um capítulo inteiro do meu livro *Neo humano* a esse tema que já havia aparecido em outros livros meus. Infelizmente, no Brasil, é raro quando não tratam a questão com certa leviandade francamente ideológica. Bem, dos anos 2020 em diante, muitas águas começaram velozmente a rolar: primeiro a explosão das redes sociais, então a explosão dos dados que veio dar na dataficação e na Inteligência Artificial (IA) que, depois da IA generativa (IAG), muita confusão está provocando. Tenho estudado IA há alguns



anos, mas me especializei na IAG que é personalizada, cada um fazendo dela o que lhe apetece. Já que passei a vida como educadora, tenho refletido muito sobre o novo papel da educação. A primeira coisa que devemos descartar é a ideia de que o professor se tornou obsoleto. Ao contrário, diante das cognições artificiais cada vez mais talentosas, a educação tem que expandir e intensificar suas tarefas orientadoras para que o estudante não se desvie do seu processo de aprendizagem que sempre exige esforço próprio.

EM: *De que modo os regimes de mediação algorítmica e a cultura da automação tensionam a autoridade pedagógica e o lugar do professor como mediador simbólico, curador e intérprete do mundo?*

LS: A educação sempre esteve pautada em regimes semióticos dependentes do nível de desenvolvimento técnico e tecnológico de cada época. Diante disso, sua função é adaptativa. Não há educação sem linguagem: oral, escrita, midiática e algorítmica. Educar significa transmitir não apenas saberes, mas também valores. Valores humanos devem sobreviver não obstante as mudanças socioculturais. Essa tarefa é hoje mandatória, dada a imensa complexidade cultural que estamos vivendo nesta era da aceleração. Não existe mais autoridade que pressupõe hierarquias. Em termos de conteúdos a cada clique, o professor tem hoje competidores que não acabam mais. O que lhe resta é aquilo que sempre o constituiu. Educar é uma missão que deve ser vocacionada, caso contrário vira automação burocrática, pior do que aquilo com que os sistemas de IA nos presenteiam.

EM: *Podemos pensar que, mais do que obsoleto, o professor contemporâneo é convocado a operar em um novo regime semiótico – entre o humano, o técnico e o informacional? O que isso exige da formação docente hoje?*

LS: Os regimes semióticos mudam e vão ficando mais complexos conforme as linguagens humanas e os processos cognitivos que elas carregam se estendem para fora do cérebro biológico individual. Onde está a cognição humana hoje, em nossos cérebros pessoais ou nas extensões técnicas e tecnológicas da inteligência que já tiveram início nas imagens nas cavernas e que foram se acumulando e se mesclando até dar na hiperhibridização que hoje está em curso? Costumo ver cada camada de linguagem, oral, escrita, eletrônica, midiática, digital e algorítmica como se fossem camadas geológicas dinâmicas que se movimentam ininterruptamente em mesclas e imbricamentos. A formação docente tem que levar em consideração essas transformações. Educadores devem estar preparados para as complexidades de seu momento histórico. Mas isso soa como utopia irrealizável, em um país de diferenças abissais e no qual o professor é muito pouco valorizado. Basta olhar para os nossos holerites, pois no turbo capitalismo, valorização começa aí e nas condições que nos são dadas de respeito e dignidade.

EM: *Ao longo de sua obra, você investiga diferentes perfis de leitores e modos de cognição, que vão do leitor contemplativo ao leitor ubíquo. Ao atualizá-los como esses*



perfis podem ser compreendidos hoje em uma esfera sociotécnica marcada por tecnologias que não apenas mediam, mas refletem e reconfiguram culturas de humanos cada vez mais hiper-híbridos – entre o biológico, o simbólico e o algorítmico?

LS: Desde os anos 1980, comecei a defender a necessidade de expandir o conceito de leitura inseparável da cognição. Não lemos apenas palavras escritas, mas também imagens fixas e em movimento, lemos ainda sinais de trânsito, luzes, cores, direções de linhas e proporções de volumes. Com o mundo digital nos tornamos exímios em um outro tipo de leitura, quando navegamos pela informação em ambientes imersivos. De lá para cá, as transformações que não cessam de aparecer no universo digital foram multiplicando os tipos de leitores. Está saindo do forno pela Editora Manole, uma editora respeitável, o meu novo livro sobre *Semiótica da IA*, no qual estudo a condição atual da cognição humana, que é evidentemente híbrida com tudo aquilo que as máquinas inteligentes estão hoje equipadas para nos oferecer. Cognição virou palavra de ordem diante dos sistemas e modelos de IA adaptados às mais distintas tarefas e desejos. Diante disso, o humano deve aprender a defender seu próprio processo cognitivo, sem se pendurar preguiçosamente nos modelos à disposição, mas fazendo deles apenas um aliado empregado com a parcimônia da autodefesa cognitiva.

EM: *Em seu livro mais recente, a ética aparece profundamente atravessada pela criatividade como dimensão humana irreduzível. Nesse contexto, como pensar o professor contemporâneo, imerso em ambientes educacionais permeados por algoritmos e inteligência artificial? De que modo esse professor pode ser convocado à criatividade – seja para diferenciar-se da máquina, seja para dialogar criticamente com ela – sem abdicar de sua responsabilidade ética e pedagógica?*

LS: Criativos todos nós temos o potencial de ser quando a situação exige. Isso é estudado no conceito de abdução de C. S. Peirce. Artistas são aqueles que vivem em condição de criatividade permanente. Foi isso que discuti em meu livro à luz das novas emergências trazidas pela IA. Não precisamos fazer nenhum esforço para sermos distintos das máquinas, porque já o somos. Elas não se irritam, não têm preguiça, não ficam cansadas, não sofrem, não têm alegria, não choram e não abrem sorrisos. É com isso que o professor entra para ser criativo: empatia, sentir com o outro, ler a mente do outro (*mind reading*, questão cognitiva fundamental) e não apenas suas palavras, pois isso a máquina faz em frações de segundos.

EM: *Em uma de suas recentes postagens, a senhora afirma que, na hipercomplexidade planetária em que vivemos, a inteligência artificial poderia ter emergido como um complemento cooperativo e interdependente para a sobrevivência humana, mas acabou encontrando um mundo atravessado por “poderes podres”, necrofilias e perversões que se manifestam tanto nas altas hierarquias quanto no cotidiano das redes sociais.*



Diante desse diagnóstico contundente, podemos dizer que estamos perdendo o rumo de nossa própria sobrevivência simbólica e ética? E, nesse cenário, que implicações essa crise civilizatória traz para a figura do professor – especialmente como agente de mediação, responsabilidade ética e reconstrução de sentidos em ambientes educacionais permeados por algoritmos?

LS: Vamos falar a verdade, que mundo é esse, que humanidade decadente é essa que as redes nos apresentam? E quanto mais um país apresenta deficiências de educação, mais pobres, ignorantes e meramente opinativas são as enxurradas de textos que correm pelas redes. São esses textos que são engolidos e manipulados pelos algoritmos das *Big Techs*. Portanto, vamos parar de colocar a culpa das tolices e vieses apenas nos algoritmos, pois é por trás disso que a maldade e imbecilidade humana se esconde. Também não devemos colocar todo o peso nas costas dos professores. Fazemos o que podemos e professor que não tem ética é melhor ir buscar outro lugar para depositar suas falsidades e exibições de sabedorias fraudulentas. Ando bem cansada disso. Professores universitários oportunistas coroados de títulos e propagando bobagens como se fosse conhecimento. Estudar com seriedade é preciso. Educação se faz com exemplo.

EM: *Se a escola e a universidade continuam sendo espaços privilegiados de formação humana, que tipo de professor será decisivo para o futuro: aquele que domina ferramentas, aquele que compreende sistemas ou aquele que sustenta a capacidade de perguntar, interpretar e imaginar outros modos de existência? Em outras palavras, onde a senhora situaria hoje a esperança pedagógica em tempos de inteligência artificial?*

LS: Os três. Se não entender os sistemas que os estudantes estão usando, mantendo-se confortavelmente de fora, como se ainda habitasse em plena cultura letrada, o professor perderá sua capacidade de perguntar, refletir e criticar. Também estou cansada de ver pessoas publicando aqui ou acolá, claro que não em revistas de excelência, pois essas dispõem de traves contra a leviandade, demonizando ou menosprezando a papel da IAG, sem nunca terem experimentado trabalhar com quaisquer sistemas. Ficam lá em cima de uma torre de cristal pautando com a arrogância de sua pseudo-sabedoria. A esperança pedagógica está naqueles que dispõem da generosidade da entrega ao processo de aprendizagem do outro que também é nosso. Toda generosidade é bi ou multilateral.

Referências

SANTAELLA, L. *Neo-humano. A sétima revolução cognitiva do Sapiens*. São Paulo: Paulus, 2022.

Submetido em: 25/02/2026

Aceito em: 03/05/2026